

O FAROL PAULISTANO.



*La liberté est une enclume qui userà tous les
marteaux*

SEXTA FEIRA 7 DE SEPTEMBRO

DIA SETE DE SEPTEMBRO.

O Brazil não podia sêr livre, sem formar de per-si uma Nação Independente: liberdade Constitucional com o systema colonial adoptado pelas Nações da Europa moderna, erão coizas que mutuamente s'excluíão: uma experiencia de anno e meio demonstrára practicamente que estes principios não são méras theorías: o Brazil desde o comêço de 1821 não tivera uma Constituição, senão em nome: e o dia 7 de Setembro, foi quem de véras plantou a arvore da liberdade no solo Brasileiro. Eis os titulos que tem este dia querido a não ser segundo nos fastos da liberdade Americana. O brado electrico=INDEPENDENCIA ou MORTE= partindo da bôcca do HEROE do Brazil, repetido com enthusiasmo, ou antes com delirio, do Amazonas ao Prata, cortou os laços que prendião o Brazil a uma Metropole ingrata e ciosa; salvou um vasto Imperio da anarchia e da guerra civil; e deo aos Brasileiros a liberdade sem sangue. Quantos prodigios em duas palavras! Quanto não é Grande o Chefe d'uma Nação, quando se constitúe o orgão da opinião Nacional! Quanto não é Elle Grande, se cumpre a lei imperiosa d'esta Soberana dos Póvos! O Brazil todo o vie e o sentio. Mas á nós os Paulistanos estava reservada a dita singular de sêrmos os primeiros, que ouvimos este brado de gloria; que o repetimos com toda a ufanía

de homens livres; os primeiros em fim que desenganamos a alguns adversarios nossos, de que o momento em que verdadeiros filhos do Brazil pronunciarão estas palavras magicas, os destinos da sua Patria ficarão fixados irrevogavelmente e para sempre. Vós, ó Paulistas, que vistes esse dia venturoso, que vistes o semblante de vossos Compatriotas, que ouvistes o som de sua voz, que sentistes o jubilo em que nadavão seus coraçoes, dizei se desd'então hesitaries em affiançar, mesmo com vossa cabeça, que o Brazil estava separado da mãe-patria, *para nunca mais se poder unir* Dizei.... Mas vos não vistes, nem ouvistes nada, porque n'esses primeiros dias, embriagados de jubilo, cada-um sentia só o que se passava dentro de si, e nenhum podia testemunhar ou avaliar o que provavão seus Concidadãos.

Hoje pois que a Provincia de S. Paulo tem a dita de possuir uma imprensa, por meio d'ella, eu te saúdo oh venturoso dia 7 de Setembro, eu vos saúdo verdejantes Campinas de Pyratynga, onde os filhos da Patria entoarão pela primeira vez hymnos a liberdade.... INDEPENDENCIA, tu não es um nome vão inventado em Política, para illudir os povos; preliminar de nossas venturas, tu nos asseguras a realidade de nossa existencia Política, do que fomos e do que hoje somos. Reduzidos outr'ora á escuridão e á miseria, soffrendo o labéo, •

monopolio, a predilecção, sem gosto para as festas da Patria, gemiamos em silencio beijando as cadeas que nos maneatavão: hoje nivellados ás Naçoens livres e independentes, temos Patria, temos lei, temos um MONARCHA CONSTITUCIONAL E DEFENSOR PERPETUO, em fim somos tudo pois que somos livres.

Temos a mais viva satisfacção em participar a todos os Paulistas (com quem desde já nos congratulamos) que em o N.º 37 do Diario Fluminense se lê, que na 77 Sessão ordinaria da Camara dos S.^{rs}. Deputados foi presente um officio do Senhor Secretario do Senado communicando ter S. M. o Imperador Sancionado o Decreto da Assembléa Geral sobre a Creação de dous Cursos Juridicos.

Na verdade semelhante Decreto é de uma utilidade transcendente, e de tam exuberantes vantagens para todo o Imperio, e com especialidade para a Provincia de S. Paulo, que ao ponto de ler o dicto artigo nosso. Coração pulou de jubilo, e na mais pura eflusão de reconhecimento dirigimos votos á Providencia pela Conservação da Augustissima Representação Nacional, assim como do Incomparavel Monarcha, que cada vez mais se Digna Apresentar aos seus Subditos provas incontestaveis do incansavel Disvelo, que o anima a prol da prosperidade d'este vastissimo Imperio. Oxalá com a maior brevidade sejam expedidas pelo Ministerio as necessarias ordens para o principio de tão proficuo estabelecimento.

Ô Reductor

A MONARCHIA SEGUNDO OS MINISTROS.

Os negros symptomas, que annunciaram á França o parto do mestre ministerial, o projecto de destruir da Imprensa, manifestam se de novo: apparecem os mesmos furores contra o Artigo 8.º da Carta, que reconhece aos Francezes o direito de fazer imprimir e publicar as suas opiniões; as mesmas injurias aos Jornaes, que deffendem a obra de Luiz XVIII, e os juramentos de *Reims*. Pedir a Liberdade Politica taes quaes foram deffindas e fundadas pela Carta, é ser *ultra liberal*; e é o que *Mont Rouge* e a contra-revolução chamam *licença da Imprensa*.

A marcha do seculo, dizem elles, tem já convertido a antiga Monarchia Franceza em Monarchia Constitucional; se ella assim marcha, é necessariamente preciso que opere ainda mudauças; e que mudauças pode hoje ter logar, a não ser a *converção da Monarchia actual em uma República como a da Inglaterra!*

Ha muito que este pensamento dos nossos Absolutistas não passava de um segredo; deixou de o ser, e sabe-se que aos seus olhos—

A igualdade diante da Lei, e a admisión á todos os emprégos, tanto civis, como militares, he *República*.

A obrigação de contribuirem todos, na proporção da sua fortuna, para as despézas do estado, he *República*.

O direito de não ser, nem prezo, nem retido, senão em casos previstos por Lei, e na fórma que ella prescreve, e de não poder ser distrahido dos seus Juizes naturais, he *República*.

Professar a sua Religião com uma igual Liberdade, obter para o seu culto a mesma protecção, dar, ao thesoiro do Estado, honorarios aos Ministros de todos os Cultos Chritãos, he *República*.

Não poder, até mesmo por interesse público legalmente constituido, exigir o sacrificio de uma propriedade particular, sem uma justa e antecedente indemnisação, he *República*.

Um Poder Legislativo que se exerce collectivamente pelo Rei, e por dous Camaras, he *República*.

A lista civil fixada para todo o tempo que durar cada reinado, he *República*.

Uma Camara de Pares, porção essencial do Poder Legislativo, cujos membros hereditarios ou vitalicios pela escolha do Rei, conheçam cos crimes de alta trahição, e dos attentados á segurança do Estado, he *República*.

Uma Camara de Deputados escolhidos pelos Collegios Electoraes, que recebe todas as proposições de imposto, mas que não pode consentir nos direitos senão por um anno; sem cujo consentimento elle não se pode lançar, nem arrecavar, e que tem o direito de acusar os Ministros, he *República*.

Juizes inamoviveis, he *República*. Jurados, he *República*. Tribunaes de primeira instancia, he *República*.

Publicidade dos debates, he *República*. Abolição da pena de confisco, he *República*. Os cmeo Conigos, he *República*.

O direito de petição, o de publicar e fazer imprimir as suas opiniões, de apresentar queixas, de levantar a voz contra a arbitrariedade, contra as exorbitancias da força armada, contra as revicias e tyrannias dos agentes subalternos da Administração, a Liberdade da Imprensa n'uma palavra, é a *República das Republicas*.

Luiz XVIII que quiz que éstas coisas existissem em França, não decretou mais do que *República*. Carlos X pronunciando sobre o Evangelho o juramento de *Reims*, não jurou mais do que manter a *República*.

A França não é mais do que uma *República á maneira da Inglaterra*, onde tambem ha dous Camaras, que fazem parte essencial do Poder Legislativo, sem o consentimento das quaes nem um imposto pôde ser lançado, e arrecadado; onde cada um pode fazer imprimir e publicar as suas opiniões; onde de todos são iguaes diante da Lei, diante dos Juizes, e diante dos Jurados.

Mas até agora acontecia á este pensamento dos nossos Absolutistas o mesmo que aos Jesuitas, antes da declaração de Mr. d'Hermopolis; a sua existencia para ninguem era segredo; porém ninguem tinha o sado ainda declaralo; muitos daquelles que o manifestaram depois, descaradamente o negavam. O projecto de destruir a Monarchia Constitucional, é um d'esses pensamentos secretos, que *Mont Rouge* tem deixado transpirar em seus livros, e em seus sermões, por tanto que elle se revella as vistas menos attentas; mas é a primeira vez que os *Jornaes do Ministerio* se estrevem a fazer altamente esta declaração. A Estrella, que chama *Republica* a Monarchia Cons-

titucional da Inglaterra, esse Reino, em que Luiz XVIII, Carlos X e sua Real Familia foram procutar em asylo, acrescenta: não ha mais que examinar qual é preferivel, se a monarchia segundo a Carta, ou se a Carta segundo a Monarchia.

A Monarchia segundo a Carta, é a fundada por Luiz XVIII, e solememente jurada por Carlos X.

A Carta segundo a monarchia, não é mais do que a Carta segundo os Ministros, ou a Monarchia Ministerial, tyrannica para todos. cheia de perigos tanto para o Monarcha, quanto para com a dynastia.

A França quer a obra de Luiz XVIII; e repulsaria indignada a Monarchia *Villele*, a Monarchia *Peyronnet*, e a Monarchia *Corbiere*.

Uma nota lançada em baixo do artigo da *Estrella*, parece ameaçar a França com este vergonhoso jugo; pode dizer se que *Mont Rouge* está prompto para a guerra civil. Assegurem se os amigos do Regimen Constitucional, que nem *Mont Rouge*, nem os Ministros, nem a sua Carta segundo a Monarchia, prevalecerão contra a *Monarchia segundo a Carta*.

..... vivite fortis
Fortia in adversis opponite pectora rebus.

HORAT. L. 2.

(*Le Constitutionnel Français.*)

Nota do Traductor.

Como se entendem em s. os projectos se correm por seos escriptos os Absolutistas do velho e do novo Mundo! A palavrinha *República* de que fazem tão grande uso os Ministros e os Jesuitas da França tem aqui muita voga, applica se a torto e a direito, e serve como de poesia que certos *congregados* sopram aos olhos do povo para que sejam privados da luz, ao menos por algum tempo. É forte birra em trilhar caminhos tantas vezes batido, e de que sempre recuaram, sem completa victoria! Cantam pela mesma solfa em orchestra servil desde 30 de Outubro do anno de 1822, signal infalivel de que os tais Absolutistas do Brazil são teimosos, são toupeiras politicas, e não se corrigem, ainda esbarrados em seos planos. Novos *Ssyphos* mettem hombos ao pesado rochedo, conduzem-o até meio da montanha, mas pssam logo pelo dissabor de o verem escapar se das suas mãos e rolar para o valle de que imprecantes o arrancaram. Quiram os Cees que este castigo das suas culpas não termine por ficarem de alguma vez esmagados debaixo da tal pedra! lá diz o rifá: —que o cantaro tantas vezes vae a fonte que por fim la fia. (*D'Astréu*)

ARTIGO TRADUSIDO (*Extraído d'Astréu*)

Do fim pernicioso dos conselhos aduladores: verdadeira gloria dos que são sinceros.

Que terrivel veneno não é a adulação! Ella desvaria os Principes á ponto de lhes fazer acreditar, que todas as medidas que tomam em apoio dasua oppressão: todos os actos da sua raiva frenetica, são o resultado de um govêrno justo; que o louvor extorquido parte de uma sincera affeição; e que elles mesmo são amor do povo, quando o povo os tem em horror. Esta idéa falsa os impede de se-arrepende-

rem, como de se-corrigirem. Adormecidos pelos discursos dos seos aduladores, nem sabem descobrir o mal que fazem, nem o remedio que se-deve applicar. Os aduladores de Nero meteram *Seneca* a ridiculo e fizeram persuadir ao Principe que elle não havia mister tutores. Os aduladores de *Commodo* fizeram o mesmo á respeito dos seos velhos Conselheiros, que o haviam sido de seo Pae. Nero e *Commodo* seguiram os conselhos dos seos aduladores; reinaram pessimamente, tiveram fim tragico, e sua memoria é detestada. As pestes das Côrtes (*os aduladores e lisonjeiros*) adormecem os maos Principes em segurança, apertam-lhe sôbre os olhos a venda, até que um acaso lhes faz abrir, e então a primeira coisa, que veem, é o seo Throno ou abalado, ou destruido. Quando as coisas chegam a este ponto, não falta ainda quem lhes-preste cores falsas, continuando as suas lisonjerias, como succedeo á *Galba* pouco antes de ser degolado:—*quidam minora vero, natum quidem oblitati adulationis* —

Quanto não são perjudiciaes éstas mentiras aos seos mesmos autores? Dizem-as por amor proprio, e para sua conservação; todavia a força de consagrarem, por suas lisonjerias, a oppressão e a ruina dos outros homens, elles cavam a si mesmos o precipicio. Se de uma sincera maneira exposessem todos os negocios aos Principes: se tomassem a liberdade de os fazer entrar no conhecimento dos abusos e oppressões: de os fazer considerar que o que se-faz injustamente contra os povos, é perigoso ao Soberano, os Principes prefeririam conselhos seguros e honestos, á phantasias. Elles se habituariam a duvidar, a deliberar, a informarem-se, a submeter o seo juizo ao de outrem, e lembrar se-hiam, que são o que são para bem e vantagem do seo Estado, não devendo ter outra vontade e outro interesse, do que a vontade e interesse dos povos.

Se Nero seguisse as excellentes regras de govêrno, que lhe dictaram *Seneca* e *Burrhus*: que elle mesmo se-prescrevêra no primeiro discurso, que fizera ao Senado; se se-tivesse negado a dar ouvidos aos conselhos de *Tigellinus* e de outros infinitos aduladores especie, o fim do seo reinado teria sido coberto das mesmas bençãos, que se-lhe-deram no principio, e Nero teria deixado um nome tão respeitado, quanto o deixou abominavel. Se os

confidentes dos Principes; em vez de se abaixarem até ser vis parasitas; em vez de trahirem a verdade, de cobrirem de ignominia a si mesmos, e o Soberano, quizessem dar conselhos salutaes ao Estado, além do louvor que mereceriam por uma conducta tão nobre, deparariam com o methodo infalivel de fundar a sua propria fortuna e a da sua familia, na pública segurança. Se algum infortunio os fizesse cair em desgraça, se lhes custasse mesmo a vida por haverem feito o seo dever, elles teriam pelo menos o testemunho da sua consciencia, os aplausos dos seus contemporaneos, e os louvores da posteridade. Em lugar de fomentarem os ciumes e os caprichos do Principe por suas lisonjarias adulações, elles o ensinam a converter contra elles mesmos os seus furores, o que muitas vezes tem succedido, e he bem digno de temer-se. Os Condezaões e Lisonjeiros do Imperador Caracalla só para lhe comprazerem, applaudiram-lhe a morte do seo irmão *Getta*, e depois que o Imperador a executou de suá propria mão, foram elles mesmos mortos em prémio da sua maldita complacencia, e entre os assassinados foi *Letus*, seo favorito e seo confidente. Estas sanguinosas execuções não vinham do arrependimento do Imperador pela morte de seo irmão, pois que dentro de bem pouco tempo, fez assassinar todos os seus amigos e partidistas, em número de vinte mil. Poucos confidentes e conselheiros de Tibério escaparem de um fim tragico; estes instrumentos da tyrannia são quasi sempre as suas victimas; se os tyrannos algumas vezes os salvam do resentimento público, é só para os punir quando melhor lhes-apraz. *Vesularius Atticus*, e *Julius Marinus* foram ambos na mais íntima confiança, elles o acompanharam no seo ertiro de Rhodes, e nunca o deixaram em quanto esteve na Ilha de Caprea; favoreceram a sua tyrannia e o serviram em seus projectos sanguinarios; parece que nunca lhe desagradaram por algum bom conselho. *Vesularius* era o seo agente secreto no perfido trama de perder *Livon Drusus*, Romano illustre: e *Sejanus* conseguiu por fim perder *Curtius Atticus*, ajudando-se de *Marinus*. E não era isto bastante para pôr a sua vida em guarda? Todos os seus ser-

viços não impediram que não fossem victimas de uma crueldade, que elles cevaram pela perda de outras muitas pessoas: *ad mortem aguntur: quo letius acceptum* (diz Tacito) *sua exempla in consultores recudisse*. O seo fim tragico deo muito mais alegria por se-conhecer que caíam sobre as suas cabeças os cruéis artificios, de que foram auctores. He certo que os Principes tem em horror aquelles de quem se servem para exercerem as suas crueldades, *Aniutos* general das galeras de Néro, maquinou e executou o projecto de morte de *Agrippina*; gosou por bem pouco tempo de algum favor do Principe, pois que logo concebêo uma extranha aversão para com elle. Tacito nota, que os Principes olham os ministros e executores de conselhos perniciosos, como gente, cujo olhar os reprehende continuamente de seus crimes. Tal foi tambem a sorte de *Cleondro* no reinado de *Commodo*: amava-o, conduzia-se por seus conselhos, por fim cortou-lhe a cabeça. Que differença na relação da morte de *Burrhas*, que Néro fez envenenar, como ha suspeita? *Cicero* *grande desiderium ejus mansit per memoriam virtutis*, foi grande, e durou muito em toda a Cidade os sentimentos da sua morte, porque todos se lembravam das suas virtudes.

Findarei o discurso por esta reflexão, que como a lisonja é um effeito do temor e da impostura: como os Principes os mais tyrannos são os mais lisonjeados: e como os homens de coração mais falso são os mais adulares e lisonjeiros, esta consideração deverá ser uma boa lição aos Principes e aos Grandes, para pôrem na mesma balança em uma concha as suas acções, e em outra os louvores que lhes dão; se acharem que são devidos e justos, concluirão que são sinceros. Mas reparem nos seus actos de oppressão, e de opposição ao interesse público, para bem conhecerem o character de quem os louva por taes que saibam, se são homens de honra e de virtude, amantes da verdade, da patria e do genero humano, ou adulares, que louvam sem discernimento, e sem medida tudo o que o Principe faz ou diz, de qualquer natureza que seja. *Quibus omnia Principis honesta atque inhonesta laudare mos est.*

(Gordon.)